

O ELEMENTO EXISTENCIAL DA HERMENÊUTICA DE GADAMER

THE EXISTENTIAL ELEMENT OF THE GADAMER HERMENEUTICS

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens*

RESUMO

O tema do presente artigo é a influência decisiva da filosofia existencial na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. Temos o objetivo de evidenciar como o elemento existencial se encontra presente e ativo na hermenêutica filosófica do autor alemão. Assumimos como problema teórico a seguinte pergunta: Como o componente existencial participa da hermenêutica de Gadamer? Como subproblema, nós indagaremos sobre a influência da analítica existencial de Martin Heidegger na síntese autoral de Gadamer. Para responder esses problemas, pretendemos sustentar que a ideia de compreensão, em Hans-Georg Gadamer, traz influências da fenomenologia existencial de Martin Heidegger. Dizendo em outras palavras, pretendemos indicar como a compreensão concebida por Heidegger e Gadamer já é compreensão *existencial*. No intuito de validar a hipótese de que Gadamer constrói sua hermenêutica filosófica se valendo de posições fundamentalmente fenomenológicas e existenciais, apresentaremos notas de sua formação, uma análise preliminar dos contextos existenciais apoiados nas noções de compreensão e interpretação e, por fim, um aprofundamento dessas noções com base no assim chamado “paradigma textual”. Para desenvolver essa pesquisa essencialmente teórica, usaremos a metodologia pesquisa bibliográfica, servindo-nos prioritariamente das obras *Ser e tempo*, de Heidegger, e *Verdade e método*, de Gadamer, além, é claro, da bibliografia autorizada sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica filosófica; Fenomenologia; Filosofia da existência; Compreensão; Gadamer

ABSTRACT

The theme of this article is the influence of the existential philosophy in Hans-Georg Gadamer’s hermeneutics. Our aim is to show how the existential element is present and active in the philosophical hermeneutics of this author. We take as theoretical problem the question: How the existential component takes part in the Gadamer’s hermeneutics? As sub-problem, we ask about the influence of existential analysis of Heidegger in authorial synthesis of Gadamer. To answer these problems, we intend to sustain that the idea of understanding, in Gadamer, brings influences of existential phenomenology of Heidegger. In other words, we will indicate how the understanding conceived by Heidegger and Gadamer is already existential understanding. To validate the hypothesis that Gadamer builds his philosophical hermeneutics using phenomenological and existential positions, we will present notes of his apprenticeship; a preliminary analysis of existential contexts supported in the understanding of concepts and interpretation and finally a deepening of notions based on the “textual paradigm.” To develop this essentially theoretical research, we will use the bibliographical research methodology, using mainly the works *Being and Time*, by Heidegger, and *Truth and Method*, by Gadamer, and, naturally, the authorized bibliography about the subject.

KEYWORDS: Philosophical hermeneutics; Phenomenology; Philosophy of existence; Understanding; Gadamer

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PPGFIL-UNIOESTE. E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com; roberto.mertens@unioeste.com.

1. INTRODUÇÃO

Ao se escutar o nome de Hans-Georg Gadamer, a hermenêutica invariavelmente se presentifica; é como nos permite dizer Martin Heidegger que, certa feita, afiançou que a hermenêutica seria “a coisa de Gadamer”. (HEIDEGGER, apud TIETZ, 2005, p.32). Se é fácil reconhecer o comprometimento deste filósofo com a hermenêutica, igualmente seria identificar seu envolvimento com a fenomenologia (especialmente a do já mencionado Heidegger). É isso que faz Alphonse De Waelhens (2015), quando, já na primeira recepção de *Verdade e método*,¹ nos faz ver que, tanto no título quanto na economia daquela obra, a metodologia do referido *método* seria ela mesma fenomenológica.

Se componentes hermenêutico-fenomenológicos são claramente divisados no pensamento de Gadamer, a parte existencial comparece mais discretamente ao mesmo. Indicar isso, contudo, não significa que esse elemento característico de uma filosofia da existência estaria ali inativo. Considerando esse indício, o escopo do presente artigo é grifar os traços existenciais na filosofia de Gadamer, evidenciando como eles participam (ou mesmo influenciam), ao lado da fenomenologia, na hermenêutica bem cinzelada desse autor. Para tanto, entre os pontos de contato da hermenêutica filosófica de Gadamer com a filosofia existencial, ressaltaremos conceitos como os de *compreensão e interpretação*.

2. SOBRE O COMPONENTE EXISTENCIAL NA FORMAÇÃO DE GADAMER

Os manuais e as histórias da filosofia não deixam de ter alguma razão ao não dedicarem tópicos a Gadamer em seus capítulos sobre as *filosofias da existência*. Isso se deve à evidência empírica de que a temática existencial não aparece em primeiro plano na obra desse pensador. Ainda que conceitos fenomenológico-existenciais, como “projeto” (*Entwurf*) e “estar-lançado” (*Geworfenheit*), estejam na pauta de Gadamer, estes apenas subsidiariam premissas de base desse pensamento hermenêutico *par excellence*. Entretanto, se é forçoso tentar atribuir a Gadamer a designação de “filósofo existencial”, igualmente afetada seria a desqualificação das implicações desta filosofia sobre a síntese gadameriana. Isso, se evidencia

¹ Obra de Gadamer considerada seu trabalho mais importante, publicada em 1960.

numa breve notícia sobre a formação de nosso pensador, recurso que sempre se presta a uma aproximação preliminar de nosso objetivo.

Nascido em 11 de fevereiro de 1900, na pequena cidade universitária de Marburgo, nosso autor iniciou um curso de humanidades na Universidade de Breslau, ali assistiu as preleções sobre ciências da cultura (*Kulturwissenschaften*) de Richard Höningwald, um neokantiano egresso da escola marburguiana. Esse contato foi apenas uma introdução ao que viria pela frente, afinal os estudos de filosofia de nosso candidato a filósofo só começariam no outono de 1919, quando, retornando a sua cidade de nascimento, se matriculara na universidade local e começara um contato com o mestre-filósofo Paul Natorp². O trabalho junto a Natorp antecedeu as ligações com Martin Heidegger, no entanto, o encontro com a fenomenologia (especialmente a heideggeriana) significaria uma alternativa esperançosa para Gadamer e a geração filosófica do pós-Primeira Guerra Mundial. (GADAMER, 2011).

Em 1923, Gadamer se achava em Friburgo integrando o grupo de estudantes que rodeava Heidegger. Ali, assistiu a preleção *Ontologia – Hermenêutica da facticidade*, primeiro esboço heideggeriano para o que, mais tarde, se realizaria na chave de uma analítica existencial (*existenziale Analytik*). Particularmente interessado em fenomenologia, Gadamer desenvolve pesquisas com temas afins aos de seu professor.

Por sua proximidade com Heidegger, logo que este foi admitido professor em Marburgo (1923-1924), Gadamer seria um dos professores assistentes a acompanhá-lo. Uma vez naquela cidade, Heidegger se destaca pela energia de seu pensamento reunindo em torno de si uma *plêiade* de filósofos em gestação que despontariam como importantes ao século XX: Gerhard Krüger, Hannah Arendt, Hans Jonas, Jakob Klein, Karl Löwith e Leo Strauss. (GRONDIN, 2003).

Durante o período em que estive em Marburgo, Gadamer também aprendeu com outros professores, é o caso do germanista e medievalista Erhard Lommatzsch, do antropólogo Paul Jacobsthal e principalmente com o filólogo clássico Paul Friedländer. O teólogo protestante Rudolf Bultmann foi outra nova fonte de conhecimento, que reforçou tanto o acento hermenêutico quanto o existencial que Gadamer recebera inicialmente de Heidegger. (GADAMER, 2011).

No verão de 1927, Gadamer qualificou-se como professor de filologia sob orientação de Friedländer. Heidegger integrou a banca avaliadora ao lado de Lommatzsch e do orientador

² Gadamer foi um dos últimos alunos de Natorp e também seu orientando no doutorado, tendo defendido sua tese em 1922.

de Gadamer. Este último, ressaltando os avanços de seu orientado, acabou fazendo com que Heidegger supervisionasse Gadamer em sua habilitação à docência. A essa altura, Heidegger ocupava a cátedra que foi de Husserl em Friburgo e já tinha publicado *Ser e tempo*, obra que, segundo Gadamer (2012): “[...] desencadeou o seu efeito revolucionário com seu timbre de crítica ao tempo e o engajamento existencial, que se expressou no vocabulário de filiação kierkegaardiana”. (p. 245).

Supervisionado por Heidegger, Gadamer defendera a tese *Ética Dialética de Platão: relato de interpretações fenomenológicas do Filebo*, ao fim do semestre de verão de 1928-29. Nesse período, atesta Gadamer (2012): “o termo ‘existencial’ tinha se tornado um termo da moda. O que não era existencial não contava.” (p. 235). Atento a esse espírito de época, muda-se para Leipzig no final dos anos de 1930, onde desenvolveu seminários sobre Husserl mesmo durante os anos de vigência do regime nazista. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, Gadamer foi nomeado reitor da universidade de Leipzig e, anos depois, substituiu Karl Jaspers³ que havia mudado para Basel, na Suíça.

Gadamer só começou a escrever sua principal obra na década de 1950. O filósofo confessa ter redigido *Verdade e método* em uma espécie de diálogo imaginário com Heidegger, o que denota, uma vez mais, sua preocupação com a opinião daquele que constituiu uma influência fenomenológico-existencial decisiva a sua hermenêutica. (GADAMER, 2011). Embora sabendo que esse legado seja atuante na filosofia de Gadamer, não seria plausível a avaliação de que Gadamer seria apenas um “heideggeriano”, afinal, é preciso fazer jus ao autor reconhecendo que, ao investir na linguagem, ele leva sua hermenêutica a limiares aos quais Heidegger, detido em seu projeto ontológico fundamental, não teria chegado. (GRONDIN, 2012).

Mais do que uma obra de maturidade, *Verdade e método* passaria a constituir, doravante, o principal esteio da hermenêutica filosófica gadameriana sobre a qual se apoiará o resto de sua carreira. Afinal, não seria exagero dizer que muito da obra posterior, até a morte do filósofo em 2002, seria constituída de revisões e de novas explorações da práxis hermenêutica em diversas dimensões. (DOSTAL, 2002).

Essa nota abreviada sobre os anos de formação de Gadamer nos fornece algum subsídio para avaliarmos o quanto à fenomenologia existencial participa do que Gadamer entende por filosofia. Contudo, tais notícias apenas nos persuadem quanto ao envolvimento da filosofia da

³ Jaspers seria um dos principais filósofos da existência na Alemanha, assim nos diz Gadamer (2012): “Foram, sobretudo, Heidegger e Jaspers que ficaram conhecidos como representantes dessa corrente”. (p.236).

existência no pensamento desse autor, não convencendo o leitor mais renitente da efetiva participação da filosofia existencial no âmbito da hermenêutica gadameriana. É por isso que no tópico que se segue, buscaremos grifar os indícios de tal influência mostrando o quanto a hermenêutica filosófica conjuga elementos existenciais.

3. COMPREENSÃO E SEUS CONTEXTOS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS

Começamos por afirmar, com Frithjof Rodi (1985), que uma hermenêutica como a de Gadamer apenas teria sido possível com a ascensão do movimento fenomenológico que – especialmente com Heidegger – revelou a dimensão existencial da compreensão. Gadamer, com isso, teria recebido um impulso crucial para sua filosofia, vislumbrando caminhos opcionais ao formalismo neokantiano e à fenomenologia transcendental de Husserl.

A compreensão, pensada pela fenomenologia existencial de Heidegger, assim sendo, iria além de Dilthey, superando mesmo o estatuto de estrutura psíquica que a compreensão ainda possuía com esse; iria também adiante da requisição de submeter a compreensão às clausuras do metodologismo cientificista. Deste modo: “A ciência e a atividade cognitiva, o paradigma do neokantismo bem como da fenomenologia, não são mais do que modos secundários do existir que prendem o ser-aí (*Dasein*).” (GRONDIN, 1991, p.181).

Tratar da *compreensão* no âmbito da fenomenologia de Heidegger (= analítica existencial) implica mostrar que ela se configura como um *existencial*, isto nos permite afirmar que ela é concretização de uma possibilidade ontológica do ser-aí no projeto de seu existir e integra um todo estrutural chamado “existencialidade”, que é o arcabouço constitutivo do que na citação se referiu como *ser-aí*.

A compreensão existencial – com a qual também Gadamer se ocupará – já se encontra no contexto da obra seminal de Heidegger, como algo que condiz com a abertura (*Erschlossenheit*) que garante ao ser-no-mundo o modo com o qual este já é descerrado às possibilidades que são sempre suas e que se realizam no movimento de seu existir. Na compreensão, destarte, já estão pressupostas noções como a de ser-em (*In-sein*) e facticidade (*Faktizität*) deste ser-no-mundo, o que denota os limites de fato aos quais tal ente se encontra, sempre e a cada vez, submetido. Pois, em todas as configurações possíveis deste ser-no-

mundo (*In-der-Welt-sein*), o mesmo já se encontra como compreensão de suas possibilidades. É com vistas a isso que Heidegger nos diz de maneira pregnante:

Compreender é o ser existencial do poder-ser do próprio ser-aí, de tal maneira que este ser, em si mesmo, abre e mostra a quantas anda seu próprio ser. Trata-se de apreender ainda mais precisamente sua estrutura existencial. A compreensão, como abertura, sempre alcança o todo da constituição fundamental do ser-no-mundo. Como poder-ser, o ser-em é a cada vez um poder-ser-no-mundo. Este não apenas se abre como mundo possível de significância, mas como o próprio liberar de tudo que é intramundano a este ente em suas possibilidades. (HEIDEGGER, 1993, p. 144).

Atento às passadas de Heidegger em *Ser e tempo* – em especial nos parágrafos linguísticos nos quais os existenciais *linguagem, compreensão e interpretação* são abordados – ⁴ Gadamer leva a sério essa tópica existencial, principalmente quanto ao modo como esta compreensão articula-se com o poder-ser, bem como ambas estão projetivamente implicadas com a abertura. Desse modo, projeto (*Entwurf*), aqui, pode ser apreendido de duas maneiras, a saber: em seu sentido etimológico estrito como um *pro-jectum* (“um lançado para...” no alemão com o mesmo sentido no termo *ent-werfen*), sendo este que se lança para sua destinação e só sendo nesta dinâmica; ou mesmo na tradução denotativa enquanto um “esboço”, sendo aquele passivo de ser determinado em seu sentido por conter em si a referência a uma totalidade fática deste ser-no-mundo. Desta feita:

O caráter de projeto da compreensão constitui o ser-no-mundo com vistas à abertura do seu aí, enquanto aí de um poder-ser. O projeto é a constituição de ser existencial do espaço fático do poder-ser (...). A compreensão é, enquanto projeto, o modo de ser no qual o ser-aí é possibilidade enquanto possibilidade. (HEIDEGGER, 1993, p.145).

Trazendo a compreensão (e outras estruturas existenciais) para o escopo da hermenêutica, a *interpretação*, no plano de análise de Gadamer (e isso pode se dizer também de Heidegger), não seria um mero tomar ciência do compreendido, mas elaborar possibilidades no jogo da compreensão.⁵ A interpretação (matéria com a qual a hermenêutica

⁴ Precisamente, os §. 31-34 de *Ser e tempo*. Cf. Heidegger (1993).

⁵ Pensada na chave fenomenológico-existencial, a compreensão verdadeiramente acontece ao projetar-se a um espaço de jogo (*Spielraum*). Afirmar isso significa que o jogo da compreensão existencial é o que acontece na medida em que nos deixamos absorver pelas dinâmicas inerentes ao espaço aberto do jogar. Destarte, é no jogo compreensivo que apreendemos a determinação dos entes que comparecem a esse espaço de realização da existência. Dito de outro modo: é apenas no jogo do existir que conseguimos nos acercar significativamente das propriedades dos entes e, ao mesmo tempo, fazer-nos cientes dos limites de nossa compreensão e comportamentos junto aos referidos entes. Significa dizer que habilidades e competências se definem sempre no jogo, condicionadas por circunstâncias mundanas. (Na impossibilidade de acompanhar mais detidamente essa temática, já que se distancia do eixo central da discussão em pauta, nos restringiremos a esta nota).

em geral se ocupará atentamente), em vista da compreensão, não é um estado de coisas definido para só então projetar-se para um acontecimento, dito de outro modo: seria algo que se daria em um momento no qual está em jogo a delimitação de um todo conjuntural que se revela desde a compreensão.

Qualquer interpretar, portanto, seria uma espécie de “recorte” de uma totalidade determinada pela compreensão, recorte este que destaca e articula caminhos de possibilidades deste ser-no-mundo. Afirmar isso, contudo, não significa que interpretação ocorreria após a compreensão, e que, portanto, seria derivada desta primeira. Mas ao contrário, é no projetar-se à elaboração de forma que se tornam possíveis as apropriações do revelado na compreensão e na remissão deste compreendido à significância inerente à rede de referências constitutivas do ser-no-mundo. Isto nos revela que a interpretação e a compreensão possuem sua gênese fundada no caráter de poder-ser deste ser-aí, sendo, portanto, copertinentes, na pedra de toque da analítica existencial.

4. O HERMENÊUTICO-EXISTENCIAL E O PARADIGMA TEXTUAL

Consoante estabelecimentos anteriores, pudemos traçar contornos de como o compreender – com Heidegger e Gadamer – passa a ser uma dimensão irreduzível e insuperável e, por isso mesmo, originária. De tal modo, ao dizer que a “compreensão é o aspecto fundamental do ser-no-mundo humano” (GADAMER, 1998, p. 12), o filósofo alemão se volta especificamente a pensar o movimento do compreender e a especificidade de sua situação hermenêutica. O que resulta disso é a evidência de que não há interpretação que se faça na ausência de estruturas existenciais compreensivas das quais previamente partimos para qualquer interpretar. Acrescente-se, assim, que o acontecimento da compreensão não é apenas o esforço de alcançar um significado, mas também a descoberta do seu poder-ser possível. (GADAMER, 1975).

Pensado como projeto existencial, o compreender não seria (como já se insinuou no tópico anterior) traço de um psiquismo ativo, em vez disso, a compreensão é algo que se confunde com nossa condição de ser-aí; este, portanto, é um ente que existe compreensivamente. Com efeito, vemos o ser-aí como um aberto ao compreender, de sorte que todo comportamento seu se daria desde o acontecimento desse horizonte de compreensão. Esse primado do compreender sobre os comportamentos é indício do caráter ontológico-

existencial da compreensão pensado nessa nova tópica, o que só corrobora o quanto para Gadamer esta é inevitável e originária. (JUNG, 2001).

Na situação de um ente cujo existir se dá como projeto da possibilidade à realização, este também já se encontra sempre e a cada vez como um lançado no mundo. Tomando estritamente, é como um projeto lançado que o ser-aí se dispõe a um espaço mundano de jogo. Este projeto de compreensão conta, portanto, com estruturas prévias obtidas desse mundo fático que, em boa medida, condiciona nossas interpretações e demais comportamentos. Afinal, o espaço de jogo que o mundo é se constitui conjugando estados de fato (= facticidade), sentidos e significações (= significância) de um mundo no qual já sempre nos encontramos lançados.

Isso nos mostra que compreensão dá-se indiscutivelmente em vista de um mundo fático específico; deste modo, compreender é jogar com as determinações provenientes de nosso próprio mundo. Isso indica que aquilo a ser compreendido possui elementos semânticos que certamente condicionam a compreensão e interpretação que dele fazemos. Significa dizer que o que quer que possa ser compreendido já traz consigo elementos significativos que, indiciando parâmetros para sua compreensão, invalidam a pretensão de um compreender que se faça na desconsideração do horizonte existencial que está em jogo para a compreensão. Ser-nos-ia permitido, assim, afirmar que o próprio a ser compreendido dá pistas do que ele pode significar na medida em que se deixa e faz ver. (FIGAL, 2007).

Tomando a exposição por tal ângulo, evidencia-se que o horizonte do compreendido se esboça como uma constituição significativa prévia da qual a compreensão não pode, em absoluto, prescindir. Afinal, toda compreensão toma aquilo a ser compreendido de alguma maneira e estas maneiras são antecipadas pelas estruturas das quais o compreender sempre parte (a saber: “posição prévia”, “visão prévia” e “conceptualidade prévia”).⁶ Portanto, em termos hermenêuticos: em todo compreender, o jogo da compreensão deverá necessariamente levar em conta preconceitos (*Vorurteile*) próprios ao horizonte fático (= existencial) que condicionam a tomada do que pretende ser compreendido. (KAHLMAYER-MERTENS, 2015).

Apesar disso, podemos dizer, com Gadamer, que uma interpretação nunca é a apreensão de um dado puramente preliminar, isto é, isento de pressuposições. Também essa convicção

⁶ Respectivamente: *Vorhabe*, *Vorsicht* e *Vorgriff*.

Gadamer apropria de Heidegger quando este, tomando como exemplo a compreensão e a interpretação textual, afirma:

Quando em especial a concreção da interpretação, no sentido da exata interpretação textual, contenta-se em basear-se nisso que “está aí” no texto, aquilo que se apresenta como “estando aí” de imediato nada mais é do que a opinião prévia, indiscutida e supostamente óbvia do intérprete. Em cada premissa de interpretação, ela se apresenta como sendo aquilo que na interpretação necessariamente já “é posto”, quer dizer, é preliminarmente dada na posição prévia, visão prévia e concepção prévia. (HEIDEGGER, 1993, p. 150).

Seguindo essa auspiciosa orientação heideggeriana, também Gadamer pensa o texto como um horizonte de sentidos possíveis e o intérprete como outro horizonte composto por preconceitos, no qual se concretiza um esboço de totalidade. Destarte, no ato de interpretar, na leitura, haveria um “amálgama” destes horizontes (*Horizontverschmelzung*) no qual um sentido possível se manifestaria, segundo as expectativas de um sentido determinado (expectativas dadas pelas estruturas prévias).

É possível entrever, assim, que apesar de todos os pontos de contato com Heidegger, Gadamer destaca as noções de interpretação e compreensão do ambiente da analítica existencial dotando-lhes de autonomia no interior de sua hermenêutica filosófica. Com isso, este autor marca sua diferença frente a seu mestre, justamente por não ir à problemática hermenêutica com o deliberado propósito de tratar das implicações existenciais do ser-aí para, a partir delas, pensar o sentido de ser (proposta que, afinal, pertence à ontologia heideggeriana).

5. Conclusões

Ao fim de nosso exercício de exposição, o que poderíamos apresentar como resultados? Teríamos chegado a conclusões quanto à participação da filosofia existencial na hermenêutica de Gadamer? Equacionar essas perguntas resultará na apresentação de nossos saldos.

Com uma brevíssima apresentação dos contextos de vida e obra de Gadamer, procuramos delinear os influxos que a filosofia existencial teria oferecido a sua hermenêutica filosófica. Identificamos, portanto, um Gadamer formado em uma cena completamente marcada pelas filosofias da existência na qual Jaspers e Heidegger (ambos partindo de posições corolariamente kierkegaardianas) acentuariam tal tendência do filosofar contemporâneo já nas primeiras décadas do século XX. Foi possível reconhecer, também,

nesse tópico, o quanto a formação de Gadamer sofreu flagrante influência das filosofias da existência e como, desde o início, as ideias gadamerianas se deixaram impregnar pelos elementos da analítica existencial de Heidegger. (STEIN, 2004).

Num segundo momento expositivo (certos de que as notas biográficas dadas anteriormente apenas constituiriam uma primeira aproximação ao nosso objetivo), buscamos evidenciar o que chamamos de contextos fenomenológico-existenciais da hermenêutica de Gadamer. Nosso esforço, ali, foi o de tornar patente, ainda que de modo geral, como Gadamer assume certas posições da analítica existencial de *Ser e tempo*, ainda que não se engajasse no projeto de uma ontologia fundamental às feições de Heidegger. Especificamente, uma caracterização do conceito de compreensão e de seus contextos existenciais também foi oferecida. O conceito de compreensão nos permitiu extrair as seguintes conclusões: a compreensão, ela mesma, é um existencial (realizando um traço do caráter de poder-ser do ser-aí); indicarmos seu caráter projetivo; o projeto da compreensão já é o lançar-se à facticidade de um mundo; em toda compreensão existencial já se pressupõe um acontecimento de verdade dado enquanto abertura. Não seria preciso evidenciar aqui o quanto o movimento expositivo desse tópico em muito consistiu na associação das ideias de Heidegger às de Gadamer.

O mapeamento dos componentes da filosofia existencial na hermenêutica filosófica não estaria completo, entretanto, sem um terceiro estágio de aprofundamento em nosso artigo. Com esse último tópico, retomamos algumas das posições anteriormente apresentadas buscando radicalizá-las. O caminho que escolhemos para tal foi o recurso ao paradigma textual. Com este, não apenas introduzimos pormenores ao que chamamos de *compreensão existencial*, quanto mostramos o quanto este compreender implica também o interpretar e sua lida pragmática, por exemplo, com um texto.

Julgamos poder afirmar, assim, à guisa de conclusão, que nosso propósito de evidenciar o elemento existencial na hermenêutica de Gadamer tenha se atingido durante a exposição do existencial *compreensão*. Afinal, ao ressaltarmos que a compreensão se refere à própria abertura constitutiva do ser-aí, e que seu projeto remonta à sua dinâmica de ex-sistência, isso já nos faria depreender que o ser-aí não é um ente que, vez por outra, *teria* compreensão, mas ele *é* fundamentalmente compreensão. Ora, apesar de o presente tópico de conclusão não ser mais o lugar de construir argumentos e de assegurar-nos de sua fundamentação teórica, ainda cabe aqui, para legitimar esse nosso achado, o seguinte referendo de Gadamer quanto a isso: “Torna-se não obstante claro que somente uma viva tematização da existência humana

enquanto ser-no-mundo revela as implicações plenas do compreender como possibilidade da estrutura da existência.” (GADAMER, 1998, p.12).

Finalmente, nossos desenvolvimentos também nos levam a uma distinção entre a fenomenologia existencial de Heidegger (que teria certamente incrementado o problema hermenêutico na filosofia contemporânea)⁷ e a hermenêutica de Gadamer que, como vimos, embora tenha se servido de muitas das intuições heideggerianas (de suas tópicas fenomenológica e existencial), toma um caminho *sui generis*.

De tal modo, ainda que sabedor dos ganhos expressivos de uma hermenêutica da existência fática e retendo traços fenomenológicos da ontologia fundamental de Heidegger, Gadamer não encampou, nos mesmos termos, tal projeto filosófico. Em vez disso, retornou à ideia de hermenêutica enquanto “doutrina-da-compreensão” à Dilthey; incorporando a essa, gestos da filosofia existencial heideggeriana para empreender sua própria síntese.

Essa conduta dialógica – que em muito expressa a maneira com a qual o filósofo compreendeu a hermenêutica como tópica de seu pensamento – nos encorajou a indicar, ao fim e ao cabo, que, para Gadamer, as filosofias da existência, embora tenham peso em seu programa filosófico, pouco têm de matriz teórica ou doutrinária, mas de um pensar com aqueles que partem da escuta de tal experiência e que atraem para si suas repercussões no pensamento. Assim, arrematando nossa conclusão com Gadamer (2012): “Não é a filosofia da existência, mas os homens que atravessaram essa fase do pathos existencial e se lançaram para além dele, que estão entre os parceiros do diálogo filosófico que não nasceu ontem. Ele também prosseguirá amanhã e depois de amanhã”. (p.249).

REFERÊNCIAS

BEAUFRET, Jean. **Introduction aux philosophies de l’existence**. Paris: Denoël, 1971.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Filosofia existencial**. Tradução Cabral de Mendonça. São Paulo: Acadêmica, 1946.

⁷ Embora correta a avaliação de que a hermenêutica da existência oferece novos rumos para a hermenêutica (constituindo até mesmo subsídio para as ciências humanas), o que merece relevo aqui é o fato de Heidegger, a partir de sua hermenêutica da facticidade (mais especificamente no projeto da analítica existencial de *Ser e tempo*), ter pensado a compreensão como uma forma da própria existência fática, estando, portanto, na condição de uma estrutura ontológico-existencial do ser-aí.

DOSTAL, Robert J. Gadamer: The Man and His Work. In: **The Cambridge Companion to Gadamer**. (Org.) Robert J. Dostal. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, cap. 5, p.141-169.

FIGAL, Günter. **Oposicionalidade** – O elemento hermenêutico e a filosofia. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. Existencialismo e filosofia da existência. In: **Hegel-Husserl-Heidegger**. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012, cap. 9, p. 235-249.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Tradução Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode** – Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1975.

GRONDIN, Jean. **O pensamento de Gadamer**. Tradução Enio Paulo Giachini. São Paulo: Paulus, 2012.

GRONDIN, Jean. **Introducción a Gadamer**. Tradução Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Herder, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia** – Hermenêutica da facticidade. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Matthias. **Hermeneutik zur Einführung**. Hamburg: Junius, 2001.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto. **S. 10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2015.

RODI, Frithjof. Hermeneutics and the Meaning of life: A critique of Gadamer's interpretation of Dilthey. In: **Hermeneutics & deconstruction**. (Org.) Don Ihde; Hugh J. Silverman. New York: SUNYP, 1985, cap. 8, p.82-90.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2004.

TIETZ, Udo. **Hans-Georg Gadamer zur Einführung**. Hamburg: Junius, 2005.

WAELENS, Alphonse De. Sobre uma hermenêutica da hermenêutica. In: **Hermenêutica e epistemologia** – 50 anos de *Verdade e método*. (Org. Ernildo Stein; Lenio Streck). Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2015, cap. 11, p.176-191.

WAHL, Jean. **Petite histoire de l'existencialisme**. Paris: Club Maintenant, 1947.